

Editor Proprietário: Manoel Camilo dos Santos

# Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí



João Melquiades Ferrelra da Silva  
(O Cantor da Borborema)

---

---

Editor Prop.: Manoel Camilo dos Santos

---

## Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí

---

---

Vamos ouvir a história  
de um rapaz valentão  
que andava de casa em casa  
a procura de questão  
era José Colatino  
que tinha essa intenção.

O capitão Deodato  
morava no Quixadá  
era um homem muito rico  
dizia o povo de lá:  
— Que sua família era  
a melhor do Ceará.

O capitão tinha uma filha  
mas se ouvia dizer  
— que noivo para Chiquinha  
era difícil de aparecer  
parece que ele tinha  
a filha para vender.

Depois de escolher noivos  
pela sorte ou destino  
apareceu um rapaz  
mocinho quase um menino  
então casou-se Chiquinha  
com o José Colatino.

José era um rapaz que  
não tinha comportamento  
antes de ser valentão  
justou logo o casamento  
contava dezoito anos  
quase ainda em crescimento.

Chiquinha, boa mulher  
tratava bem do marido  
porém José Colatino  
empregou o seu sentido  
arrotando valentia  
tornou-se um rapaz perdido.

Um dia Zé Colatino  
chegou a inclinação  
disse: — Chiquinha eu agora  
sou homem de posição  
quem chegar em minha porta  
é com o chapéu na mão.

Chiquinha disse: — José  
repare primeiramente  
olha que no Ceará  
tem muita gente valente  
vamos fazer nossos queijos  
não queira ser insolente.

— Chiquinha eu tenho coragem  
fiado n'uma oração  
quando boto-a no pescoço  
fico logo valentão  
você vai ver este povo  
como me toma «abenção».

Chiquinha pôs-se a chorar  
com muita pena dizia:  
— José eu tenho desgosto  
desta tua valentia  
que só me vem dar trabalho,  
casei porque não sabia.

Uma noite Colatino  
na festa do Quixadá  
perdeu o dinheiro no jogo  
pois não sabia jogar  
fez o primeiro barulho.  
deu começo ao seu azar.

José apagou a luz  
rasgou cartas de baralho  
virou mesa, quebrou louça  
fazendo grande esbandalho  
quis dar no dono da casa  
para mostrar seu trabalho.

Então o dono da casa  
não alisava menino  
disse: — Cabra malcriado  
eu quero dar-lhe um ensino  
deu uma surra de pau  
no tal José Colatino.

O capitão Deodato  
ficou muito conspirado  
porque seu genro Zezinho  
se achava desfeito  
mas disseram que o rapaz  
ele mesmo foi culpado.

Depois José Colatino  
foi dar em um inspetor  
porque não tinha cercado  
a casa do jogador  
levou a segunda surra  
para não ser agressor.

Colatino estava na feira  
e queria dar n'um soldado  
ainda abanou os queixos  
de um sub-delegado  
levou a terceira surra  
ficou muito maltratado.

O capitão Deodato  
estava muito desgostoso  
dizia: — Este meu genro  
inda briga de teimoso  
quer brigar sem ter idade  
não pode com criminoso.

Depois foi visto José  
na beira d'uma estrada  
emboscando um inspetor  
armado de uma espingarda  
lá levou a quarta surra  
e a arma lhe foi tomada.

E José chegou em casa  
falando muito zangado  
disse: — Chiquinha eu agora  
só não matei um safado  
porque me tomou a arma  
mas pegou-me descuidado.

Chiquinha disse: — José  
tu vais te acomodar  
tu és ainda criança  
não sabes o que é brigar  
ou tu endireitas a vida  
ou morres de apanhar.

— Chiquinha eu vou agora  
sair no mundo a brigar  
eu quando vejo um barbado  
minha vontade é o matar  
só com sessenta processos  
é quando eu posso voltar.

Seguiu José Colatino  
nas feiras aonde passava  
queria mostrar coragem  
a todo mundo insultava  
no barulho de fim de feira  
sempre José apanhava.

Onde José via teima  
queria ser muito mau  
gritava: — Que é isto aqui?  
Eu já meto o bacalhau  
eu aqui não vejo homem...  
Com pouco estava no pau.

José voltou com dois anos  
das fronteiras do Estado  
com noventa e nove surras  
que o povo tinha lhe dado  
o capitão Deodato  
de tudo estava informado.

O capitão Deodato  
arrojou-se nessa hora  
dizendo: — “Seu” Colatino  
aqui o senhor não mora  
se suma da minha vista  
desde já pode ir embora.

— Por isso a minha família  
está muito enjuriada  
e você levando surra  
sem nenhuma ser vingada  
não me serve ter um genro  
feito armazém de pancada.

Colatino disse: --- Chiquinha  
o Quixadá não tem vantagem  
você fique com seu pai  
que eu vou uma viagem  
até encontrar um homem  
que aguente minha coragem.

— Nesta terra não tem homem  
que eu me ocupe a brigar  
vou caçar um valentão  
que faça eu me zangar;  
Chiquinha, do Piauí  
inda mando lhe buscar.

Logo montou a cavalo  
cheio de animação  
despediu-se de Chiquinha  
depois de apertar-lhe a mão  
seguiu para o Piauí  
castigar um valentão.

Neste tempo no Piauí  
na cidade de Ueira  
havia um valentão  
que veio d'uma fronteira  
vivia dando de peia  
no pessoal da ribeira.

Todo mundo tinha medo  
da cara do valentão  
pois a vassoura da barba  
presa pelo cinturão  
quando ele assanhava a barba  
atropelava o sertão.

Dizia que estava em guerra  
andava de perna manca  
e carregava um punhal  
do tamanho d'uma alavanca  
o povo só lhe chamava  
o comandante Carranca.

Os bigodes dele tinha  
as pontas tão estiradas  
que por detrás das orelhas  
ele dava nós de laçadas  
quando ele ia dar n'um  
fazia as barbas assanhadas.

As moças desta cidade  
só justavam casamento  
no dia que o Carranca  
desse seu consentimento  
governava as casas alheias  
com crime e atrevimento.

Toda casa de negócio  
só comprava ou só vendia  
se Carranca quizesse  
isso mesmo consentia  
que os caixeiros só vendessem  
em cada semana um dia.

Assim o povo vivia  
sujeito a esse assassino  
apanhava do Carranca  
homem, mulher e menino  
quando niuguém esperava  
chegou José Colatino.

Entrou José Colatino  
fedendo a chifre queimado  
não achando venda aberta  
perguntou admirado  
por qual motivo a cidade  
tinha o comércio fechado.

Saiu-lhe u'a mulher  
que lhe deu a explicação  
dizendo: — Fale mais baixo  
aqui tem um valentão,  
que mata só com a vista  
é a fera do sertão.

— A riqueza dos fazendeiros  
d'aqui ele tem tomado  
obriga os homens ricos  
lhe trabalhar alugado  
as moças não casam mais  
o povo vive assombrado.

— Se o senhor quer escapar  
corra e vá se esconder  
pois só a barba do homem  
faz todo mundo tremor  
carrega as moças que quer  
e quem falar tem que morrer.

Colatino disse: — Dona  
onde mora este danado?  
Que quero dar-lhe u'a surra  
porque estou destinado  
arrancar o cafanhaque  
d'um criminoso barbado.

Todo povo abriu as portas  
fazendo reunião  
Colatino deu dois tiros  
insultando o valentão  
com pouco vinha o Carranca  
rugindo como leão.

Assanhou barba e bigode  
e gritou de cara feia:  
— Canalha sem minha ordem  
na rua ninguém passeia  
quem mandou abrir as portas  
leva uma surra de peia.

Colatino pulou e disse:  
— Está bêbado assassino  
barbado, cara de sola  
ladrão, perverso e mofino  
se prepare p'ra morrer  
nas mãos de Zé Colatino.

--- Eu venho do Ceará  
nunca temi a ninguém  
quando eu pego um criminoso  
é o dia que passo bem  
tenho 99 nas costas  
e doido p'ra inteirar cem.

Colatino já estava  
acostumado apanhar  
se Carranca puxasse as armas  
ele ia se ajoelhar  
mas Carranca, esmoreceu  
que nem podia falar.

Com pouco Zé Colatino  
gritava mais animado:  
— Me tragam fósforos e gás  
o Carranca está pegado  
pois eu quero tocar fogo  
nas barbas deste danado.

O gafanhaque do Carranca  
José enrolou na mão  
cospiu na cara do bruto  
deu-lhe mais um empurrão  
o Carranca tremia que  
as armas caíram no chão.

O Carranca arrependeu-se  
de se meter no cangaço  
sentiu a faca nas barbas  
com violento talhaço  
viu que do seu gafanhaque  
José tirou um pedaço.

Carranca nunca ouviu  
falar em tanta vantagem  
José com noventa e nove  
se era morte ou pabulagem  
assombrou-se com os gritos  
pensando que era coragem.

Abriu da perna a correr  
saiu coberto de poeira  
Colatino inda atirou-lhe  
deu-lhe mais uma carreira  
o Carranca ganhou a mata  
que ia quebrando madeira.

Ficou José Colatino  
como chefe respeitado  
entregou as terras todas  
que Carranca havia tomado  
e mandou prender Carranca  
que morreu sentenciado.

Ficou José Colatino  
muito rico e respeitado  
escreveu para Chiquinha  
que viesse ao seu chamado  
na cidade de Ueira  
foram viver descansados.

**F I M**

---

**:-: Poema :-:**

No bosque da Borborema  
onde a tarde é mais fagueira  
vi a brisa na palmeira  
fazendo leque e capela  
vi as fontes derramando  
seus cristais que a terra banha  
e as donzelas da montanha  
discutem quem é mais bela.

Ví o sol em seu cortejo  
espargir seu lampadário  
e ao terminar seu horário  
encontrou-se na cortina  
e a lua açoitando as trevas  
por ser estrela rainha  
seguidores para vinha  
só na hora matutina.

No dorso da Borborema  
orgulhoso laranjal  
namorando um parreiral  
é sítio da Natureza  
vi cavaleiro da noite  
vaquejando pelas selvas  
mesmo orvalhados nas relvas  
buscando uma camponesa.

Brilhava essa camponesa  
sonhando em leito de flores  
em bailes cantando amores  
minha lira está diletta  
a camponesa era criança  
em anos tão bem verdosos  
libamos laços ditosos  
viva Deus e seu poeta.

## A VERDADE REFLETIDA

A consciência quando acossada pelos acúleos e gravames do remorso, deixa o individuo passivo das leis preceituadas pelos códigos siderais.

Dai a tegiversação o invade e a exacerbação domina o seu eu a ponto de levá-lo ao cúmulo do ilimitado, criando dentro de se um segundo aconcágua que o devora do cérebro as víceras.

Em vacilação o seu frágil pensamento obumbra a su'alma enfermiça, já tarjada pelo negrito crepe geratrizado das malevolência e de todos os desmandos praticados em momentos impensados.

Nesta prefiguração deve em primeiro lugar apelar para o sempiterno (Deus) evocando-o em sua bendita comiseração.

Pois quando os males insondáveis se enjaulam no ceração do homem, o homem se vincula ao mundo dos prantos, afasta-se da fonte do bem que é Deus e vive nas trevas, sofrerá duras expiações, embrenha-se nas profundidades do ilimitado e como aerólito que desprende-se de uma estrela, cairá vertiginosa e tragicamente no abismo imensurável, do qual só Deus pode sondar a vastidão e suas consequências.

Nós, esses tangíveis evólucros de almas, delinquentes que nos arrastamos pelos marneis destas ergástulo chamado terra, eivados de incontáveis jaças dos nossos delitos, devemos (para nossa remissão) ter em nossos atos (Deus) no pensamento, se quizer-mos perceber da bem-aventurança, qual fomos criados.

**Manoel Camilo dos Santos**

# ATENÇÃO

Todos os Romances e Folhetos da A "ESTRELLA" DA POESIA acham-se registrados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob os números 7989 a 7993 e garantidos pelo Artigo 153, parágrafo 25 da nova Constituição Federal brasileira.

---

---

Brevemente sairá o grande Livro "AUTOBIOGRAFIA DO POETA", contando toda a vida do poeta Manoel Camilo dos Santos.

Esse volume conterà aproximadamente 180 páginas em versos e crônicas. Não deixe de ler.

---

---

Atenção! O folheto de poesia popular da chamada "LITERATURA DE CORDEL" acha-se isento de imposto, de acordo com o item V do Artigo 3 do Decreto Nº. 13.883 de 5/5/1958, (Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro).